

RESENHA

GUERSON, Carla. *Todo mundo tem mãe, Catarina*. São Paulo: Editora Reformatório, 2024.

A ausência e busca por identidade em *Todo mundo tem mãe, Catarina*

Danielle Freitas³

Carla Guerson é uma escritora capixaba cuja obra reflete sensibilidade e um olhar crítico sobre as relações humanas e a condição feminina. Autora dos livros *O som do tapa* (Editora Patuá) e *Fogo de palha* (Editora Pedregulho), Carla estreia no gênero romance com *Todo Mundo Tem Mãe, Catarina*. Além de sua produção literária, ela é idealizadora e coordenadora do Coletivo Escrevientes, um coletivo feminista de mulheres escritoras que promove a valorização da escrita feminina.

“A falta é uma pinta que você nunca tinha visto. Uma mancha na roupa, que alguém aponta. Um defeito na parede. Depois que você percebe, depois que se dá conta, não consegue voltar a não ver. Fica ali incomodando pra sempre.” (p. 9). Esse trecho, tão simples e poderoso, inaugura sintetizando a essência do livro. Catarina, uma menina de 14 anos que nunca conheceu os pais e vive com a avó, inicia uma jornada de autodescoberta enquanto enfrenta os desafios da adolescência e do amadurecimento. Quando é convidada a desenhar sua mãe em uma atividade escolar, esse simples exercício desencadeia uma profunda reflexão sobre maternidade, ausência e memória. Em sua tentativa de entender o que nunca teve, Catarina expressa: “Uma falta absoluta de tudo que me deixa sem saber como é que costura esse monte de ausência.” (p.105).

Ao explorar temas ligados ao universo feminino, a autora coloca em evidência o peso das construções sociais impostas às mulheres. Como argumenta Saavedra (2021, p. 59), “porque se um escritor escreve sobre personagens masculinos e seus problemas, ele

³ Danielle Freitas é Graduada em Biblioteconomia e especialista em Gestão e Política Pública do Esporte e Lazer pela UFMA, Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela UEMA. Escritora, Poeta e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Mediação e Práticas de Leitura – GEPLEM/UFMA.

está falando dos problemas de toda uma geração, quiçá de toda humanidade, mas se uma escritora escreve sobre temas relacionados à vida das mulheres, ela está falando sobre problemas femininos.” Essa percepção ressoa na história, que não apenas humaniza as experiências de suas personagens femininas, mas também desafia a ideia de que questões ligadas à maternidade, sexualidade e corpo sejam restritas ao “universo feminino”.

A construção de Catarina é um dos pontos altos da obra. Não se trata apenas de uma adolescente enfrentando inseguranças corporais e descobertas afetivas, mas de uma jovem que questiona os modelos de feminilidade ao seu redor. A narrativa revela a dominação masculina como descreve Bourdieu (2017, p. 96):

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 2017, p.96).

A autora, aborda com sensibilidade e profundidade temas como maternidade, feminilidade e as relações sociais marcadas pela dominação masculina explorando, por meio das vivências de Catarina e das mulheres à sua volta, como a violência simbólica descrita por Pierre Bourdieu se manifesta nas relações cotidianas. Em trechos como “[...] tinha saído de casa, porque meu avô não aceitava a gravidez [...]” (p.47) e “[...] à procura de trabalho fugida do pai que batia e abusava dela e da mãe que apanhava e não a defendia” (p.118), evidencia-se como as mulheres são constantemente submetidas a situações de abandono, violência e opressão. Essas experiências ilustram a condição feminina como “objetos receptivos”, que existe pelo e para o olhar dos outros, perpetuando uma dependência que condiciona suas escolhas e limita sua autonomia.

As normas de vestuário, a vigilância constante e a moral religiosa imposta pela avó são ferramentas de repressão que visam moldar o comportamento de Catarina, vinculando sua identidade à aprovação social e religiosa. O dilema entre liberdade e obediência, que a protagonista vive, evidencia as tensões geradas por essas expectativas.

Para Marilena Chauí (1991, p. 99), “a repressão da sexualidade se realiza através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino.” Catarina observa essas dinâmicas e, a partir delas, questiona os papéis sociais atribuídos às mulheres,

especialmente no que diz respeito à maternidade e à feminilidade. Ao mesmo tempo, ela enfrenta as imposições que recaem sobre seu próprio corpo e sexualidade.

A repressão vivida por Catarina, retratada em frases como “Me proibiu de ir na casa dele quando Dona Luísa estiver fora [...]” (p.71) e “Estou ainda empenhada em manter o namoro com roupa, lembro do conselho da Vó” (p.72), reflete o controle minucioso da sexualidade feminina descrito por Chauí.

Em *Todo Mundo Tem Mãe*, Catarina, a autora desafia essa lógica ao abordar o direito das mulheres de decidir sobre seus próprios corpos, expondo as hipocrisias sociais e religiosas que moldam essas vivências. A protagonista encontra apoio em figuras como Teresa e Gustavo, que trazem perspectivas de solidariedade e resistência diante das adversidades.

Como aponta Butler (2017, p. 241), “a ação do gênero requer uma performance repetida [...] a forma mundana e ritualizada de sua legitimação.” Podemos observar também questões performativas de gênero. “[...] resolvi ir até a marcenaria, coisa que eu não fazia nunca, porque a marcenaria era lugar de homem e mulher não devia ficar se metendo nos negócios do marido.” (p.103). Essa reflexão demonstra como os papéis de gênero são naturalizados, delimitando os espaços e as ações permitidas às mulheres.

A autora equilibra lirismo e crítica social ao abordar o papel atribuído a mulher em uma sociedade patriarcal, expondo a hipocrisia moral, especialmente no ambiente religioso. A linguagem ágil e fluida da autora, somada às reviravoltas na trama, torna a leitura envolvente e instigante. Os personagens, multifacetados e ricos em detalhes, ressoam com a realidade, conferindo autenticidade à narrativa e estabelecendo uma conexão profunda com o leitor.

Outro destaque da obra é sua ambientação, que traz elementos da cultura brasileira contemporânea, enriquecendo a narrativa. Através de descrições vívidas, o universo de Catarina ganha vida, permitindo ao leitor compartilhar suas dores, alegrias e descobertas. O confronto com a ausência materna é o fio condutor da história, funcionando tanto como ferida quanto como força motriz.

O livro também destaca a necessidade de estar entre mulheres, do apoio feminino e da amizade entre elas. Catarina observa as mulheres de sua comunidade – da avó

religiosa às prostitutas com quem convive – e encontra nelas reflexos de feminilidade e maternidade que moldam sua visão de mundo. Como um espelho das contradições do que significa ser mulher, ela vai percebendo que a ausência da mãe, mais do que uma lacuna, é também uma possibilidade de construção.

Percebe-se ao longo da leitura, que a ausência foi bem utilizada para explorar, de forma crítica, o ideal de maternidade, questionando os papéis tradicionais atribuídos às mulheres. Com uma história autêntica e cativante, Guerson se estabelece como uma voz relevante na literatura brasileira contemporânea. A obra é um convite à reflexão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres em contextos marcados por desigualdade e vulnerabilidade social.

“Sou Catarina, filha de puta e neta de mãe-vó. Sou Catarina e hoje eu entero parte do que fui e do que não fui, para que germe e cresça essa menina que dentro de mim precisa terminar de nascer.” (p.149). “Todo Mundo Tem Mãe, Catarina” é, acima de tudo, um relato sensível sobre a força do amadurecimento em meio à ausência e à dor, que provoca o leitor a repensar as tradições e expectativas em torno da maternidade.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual:** Essa Nossa (Des)Conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável:** ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.